

Máscara da Peste Negra

CITAÇÃO

Alves, M. V. & Museu da Farmácia (2020) Máscara da Peste Negra, *Rev. Ciência Elem.*, V8(03):041. doi.org/10.24927/rce2020.041

EDITOR

José Ferreira Gomes,
Universidade do Porto

EDITOR CONVIDADO

Pedro A. Fernandes,
Universidade do Porto

RECEBIDO EM

20 de maio de 2020

ACEITE EM

20 de maio de 2020

PUBLICADO EM

30 de junho de 2020

COPYRIGHT

© Casa das Ciências 2020.
Este artigo é de acesso livre, distribuído sob licença Creative Commons com a designação [CC-BY-NC-SA 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/), que permite a utilização e a partilha para fins não comerciais, desde que citado o autor e a fonte original do artigo.

rce.casadasciencias.org



No século XIV, a Europa conheceu uma das doenças que mais marcou a história da humanidade, afetando milhões de pessoas em todo o continente: a peste negra.

A peste negra numa primeira fase era transmitida através dos ratos e das pulgas infetadas, que propagavam a doença quando entravam em contacto com os seres humanos. Numa segunda fase, passa a ser transmitida por espirros e tosse, o que potenciou a sua capacidade de transmissão, levando esta pandemia a dezenas de milhões de pessoas, ao redor do mundo.

Embora a primeira pandemia da peste negra na Europa date do século XIV, será apenas no século XVII que um médico francês, Charles de Lorme, vai criar um traje para o médico da peste negra. Esta peça de vestuário caracterizava-se por um manto preto, que cobria todo o corpo de forma a proteger aqueles que o vestissem. A cabeça era coberta com uma máscara negra que tinha a particularidade de ter um bico no qual eram colocadas ervas aromáticas misturadas com palha. Este composto tinha a finalidade de filtrar os odores fétidos da peste negra, evitando a contaminação do médico, segundo a teoria miasmática.

Museu da Farmácia

Usado em rituais mágicos nas sociedades primitivas, no teatro grego, nas festividades profanas medievais e nos bailes, “farsas” e teatro popular renascentistas, o conceito de máscara não se alterou muito até ao século XX, altura em que as artes plásticas o apropriaram. De Modigliani e Picasso a Bacon, Paula Rego e Cindy Sherman, a máscara passa a ser sinal de uma crise identitária que não pára de crescer. Trabalhos recentes, como as esculturas-máscara de Ron Mueck, já questionam abertamente a inadaptação actual do corpo biológico às necessidades de um mundo progressivamente tecnodependente, mostrando que o corpo desejável é hoje, não um corpo meramente mascarável, mas um corpo infinitamente fluido, reconfigurável e disseminável, um vazio biológico. Entre a robótica e a genómica, a mecânica e a informática, vão-se abrindo progressivamente as portas para o que, à falta de melhor termo, poderemos chamar de pós-humano.

Manuel Valente Alves

Academia Nacional de Medicina de Portugal



Museu da Farmácia/Pedro Loureiro